

PEGADA ECOLÓGICA DA REDE ECOLÓGICA-RJ E AGROECOLOGIA

Flávia Tostes¹; Jean Sambonha¹; Larissa Drummond¹; Nicole Araujo¹;
Yana Moysés²; Paula Almeida³.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos ressignificar o instrumento de pegada ecológica da Rede Ecológica do Rio de Janeiro e analisar a pegada ecológica da Rede Ecológica, a partir de uma análise comparativa entre os núcleos. A incorporação de questões relacionadas à *agroecologia* possibilitou uma análise mais holística da Pegada da Rede Ecológica (dos integrantes, dos núcleos e da rede como um todo), cujos resultados foram apresentados em mapas e gráficos. Espera-se provocar tanto um maior aprofundamento na compreensão de todo o ciclo de produção/consumo, como um (re)pensar de práticas e políticas mais sustentáveis, saudáveis, solidárias e criativas.

Palavras-chave: Pegada Ecológica. Rede Ecológica. Agroecologia.

INTRODUÇÃO

O método de pegada ecológica foi proposto por Wackernagel e Rees (1996) como uma ferramenta que objetiva calcular os impactos ambientais provenientes da utilização de áreas produtivas de terra e água que são necessárias para produzir os recursos e absorver os resíduos gerados por cada indivíduo, fundamentando-se no conceito de *capacidade de carga*. Dessa forma, o método estima se os impactos ambientais gerados são sustentáveis a longo prazo (CIDIN e SILVA, 2004; GÓMEZ *et al.*, 2009).

Todavia, é possível notar que o conceito de *sustentabilidade* usualmente aplicado nesta metodologia não abrange os pilares básicos relacionados às questões ambientais, sociais e econômicas. Maduro-Abreu *et al.* (2009) observam que o método se concentra na análise da dimensão ecológica, enquanto as análises das dimensões social e econômica se dão de forma superficial.

Por outro lado, considerando, contudo, o fato da *pegada ecológica* ser mundialmente referenciada e umas das metodologias mais utilizadas como ferramenta para tomada de decisões em políticas públicas (MADURO-ABREU *et al.*, 2009), torna-se importante disputar seus significados epistemológico-políticos e, com isso, ressignificar esse instrumento.

E é a partir dessa premissa que os objetivos deste trabalho foram construídos: ressignificar o instrumento de pegada ecológica da Rede Ecológica do Rio de Janeiro e analisar a pegada ecológica da Rede Ecológica, a partir de uma análise comparativa entre os núcleos.

¹ Graduandos do Curso de Engenharia Ambiental do Centro Universitário Celso Lisboa

² Docente do Curso de Engenharia Ambiental do Centro Universitário Celso Lisboa

³ Docente da Universidade Federal Fluminense

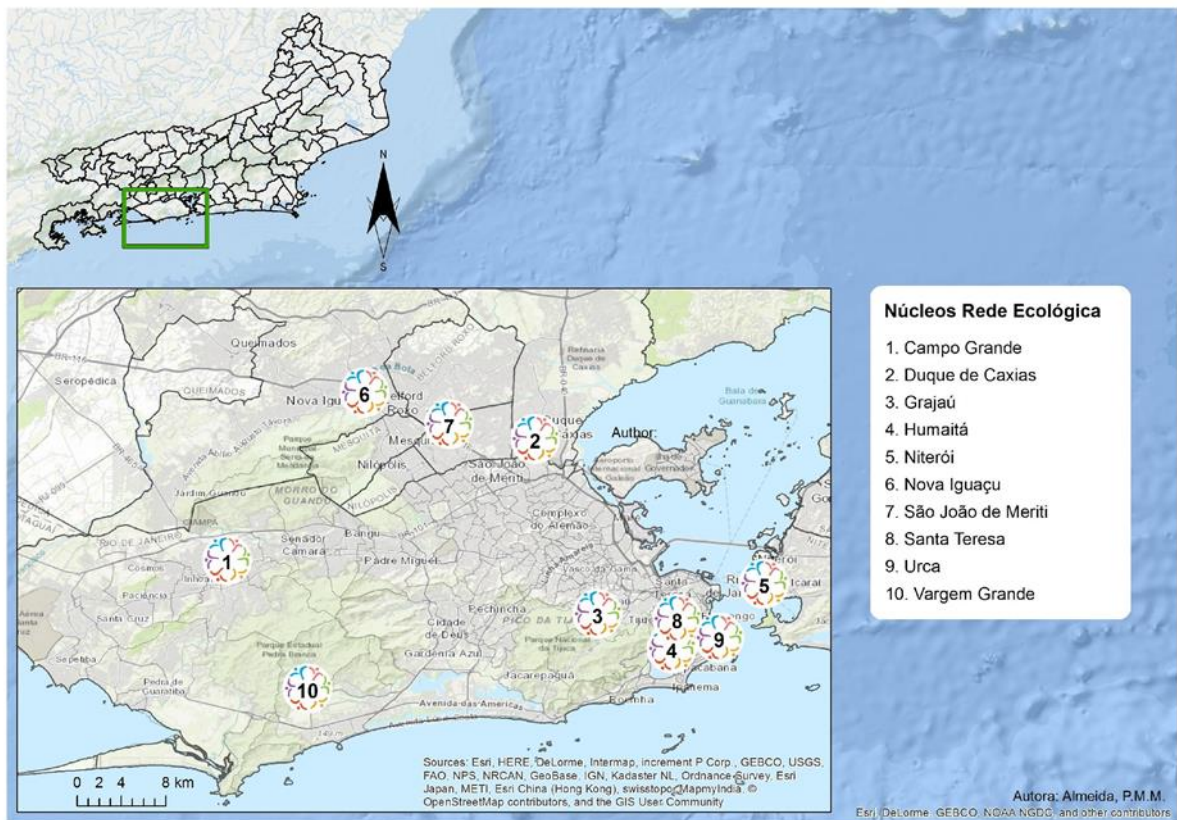
METODOLOGIA

Para tanto, primeiramente, um pré-questionário criado internamente na Rede Ecológica foi revisado e outras questões que nos possibilitasse uma análise mais completa de todo o ciclo de produção/consumo, foram incorporadas ao mesmo.

A partir da análise de diversos documentos, privilegiando-se o Borba (2007), foram incorporadas questões que problematizam os diferentes modelos de agricultura, o convencional e a agroecologia, e os múltiplos impactos ambientais inerentes à estas práticas de produção/consumo, totalizando um amplo questionário com 62 questões divididas em setores: transporte, energia, água, papel, alimentação, vestuário, beleza, fumo e resíduo.

Posteriormente, esse instrumento foi aplicado de forma *online* em 125 integrantes dos 10 Núcleos da Rede Ecológica distribuídos pela Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Figura 1). A Rede é um movimento social constituído de grupos de consumidores que realizam compras coletivas diretamente de pequenos produtores agroecológicos e/ou orgânicos e tem como premissa fomentar o consumo ético, solidário e ecológico (REDE ECOLÓGICA RIO, 2020).

Figura 1: Mapa Localização do Núcleos da Rede Ecológica



Fonte: Almeida, P.M.M.

A partir disso, os resultados foram analisados de maneira qualitativa e comparativa entre os núcleos e expressos a partir de categorias conceituais. No tratamento foram atribuídas duas categorias epistemológica-políticas, as quais representam dois polos com características antagônicas: *agroecologia* (D) e *agronegócio* (A) (Tabela 1).

Tabela 1: Palavras-chave

AGROECOLOGIA	AGRONEGÓCIO
SOCIOBIODIVERSIDADE	MONOCULTURAS
DIÁLOGO DE SABERES	EPISTEMICIDIO
SEGURANÇA ALIMENTAR E ENERGÉTICA	INSEGURANÇA ALIMENTAR E ENERGÉTICA
CONSCIÊNCIA POLÍTICA E ORGANIZACIONAL	ALIENAÇÃO POLÍTICA E ORGANIZACIONAL
PRODUÇÃO/CONSUMO SUSTENTÁVEL, SAUDÁVEL E JUSTA	PRODUÇÃO/CONSUMO INSUSTENTÁVEL, TÓXICA E INJUSTA
ESTABILIDADE ECONÔMICA	INSTABILIDADE ECONÔMICA

Como forma de complementação, ainda foram identificadas questões que apresentaram grandes diferenças entre as respostas dos associados.

Na apresentação dos resultados, foram privilegiados mapas e gráficos. Nesse processo, também houve uma preocupação com que a apresentação dos resultados nos gráficos e mapas estivessem em acordo com os significados das categorias epistemológica-políticas – *agroecologia* e *agronegócio*.

Dessa forma, os resultados que se aproximam de *agroecologia* são representados por uma multiplicidade de cores, representando a pluralidade de saberes, fazeres e sabores, a sociobiodiversidade, o que significa um(a) produção/consumo sustentável, saudável e justa(o).

Por outro lado, os resultados que se aproximam do *agronegócio*, são representados por cores monocromáticas, e representam as monoculturas, a homogeneidade de espécies, saberes, fazeres, sabores. Em outras palavras, a ausência e/ou a morte de saberes (*epistemicídio*), fazeres, da sociobiodiversidade, o que significa um(a) produção/consumo insustentável, tóxico(o) e injusto(o).

A Tabela 2 sintetiza os significados dos resultados.

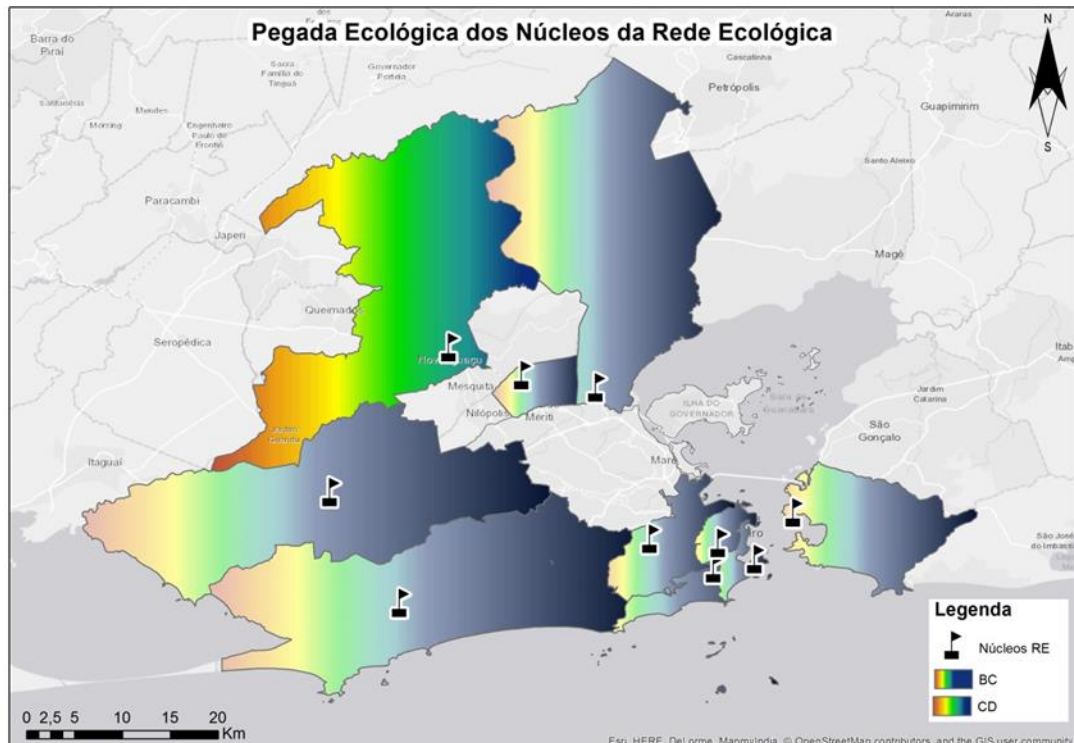
Tabela 2: Síntese da apresentação dos resultados em cores

AB (mais cinza e monocromático) - representa a maior proximidade com a cadeia produtiva do agronegócio;
BC (mais colorido e opaco) - um primeiro estágio de transição para práticas mais próximas à sustentabilidade e à preservação e fomento da diversidade, mas, ainda há hábitos cujo impacto ao meio e à qualidade de vida no campo precisam ser revistos;
CD (mais colorido e brilhante) – estágio mais próximo aos objetivos da Rede Ecológica, de menos danos e voltado ao fomento da diversidade e de relações de trabalho mais justas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A incorporação de questões relacionadas à *agroecologia* nos possibilitou articular as dinâmicas ambientais, sociais e territoriais e, portanto, uma análise mais holística da Pegada da Rede Ecológica (dos integrantes, dos núcleos e da rede como um todo). Os resultados gerais foram sintetizados no mapa abaixo (Figura 2).

Figura 2: Pegada Ecológica dos Núcleos da Rede Ecológica



Os resultados acima podem indicar a necessidade de mudanças em alguns hábitos de consumo entre os integrantes da Rede, com exceção do Núcleo Nova Iguaçu, a fim destes se aproximarem mais do caminho da sustentabilidade e do fomento a relações de trabalho mais justas.

Na tentativa de indicarmos caminhos nessa aproximação, foram identificadas 4 questões que revelaram hábitos de consumo determinantes da Pegada Ecológica da Rede Ecológica. Na análise destas, os resultados dos integrantes da Rede Ecológica foram sintetizados nos Gráficos 1, 2, 3 e 4 e as diferenças verificadas entre os Núcleos nas Figuras 3, 4, 5 e 6.

Gráfico 1: Questão selecionada 1

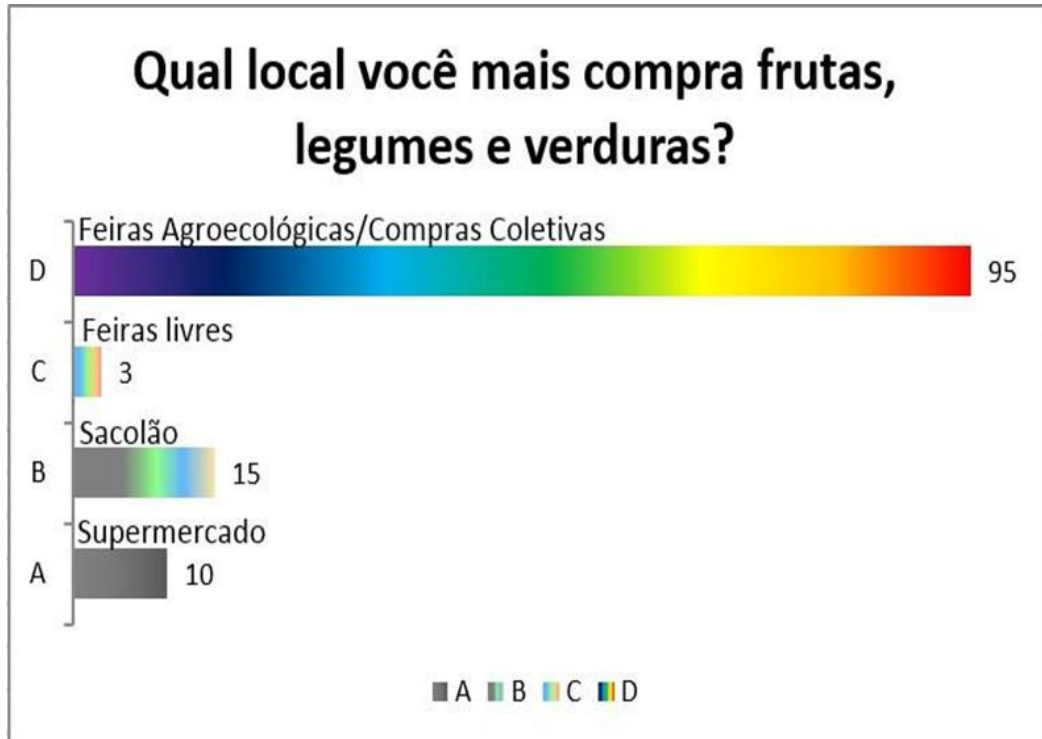


Figura 3: Questão selecionada 1

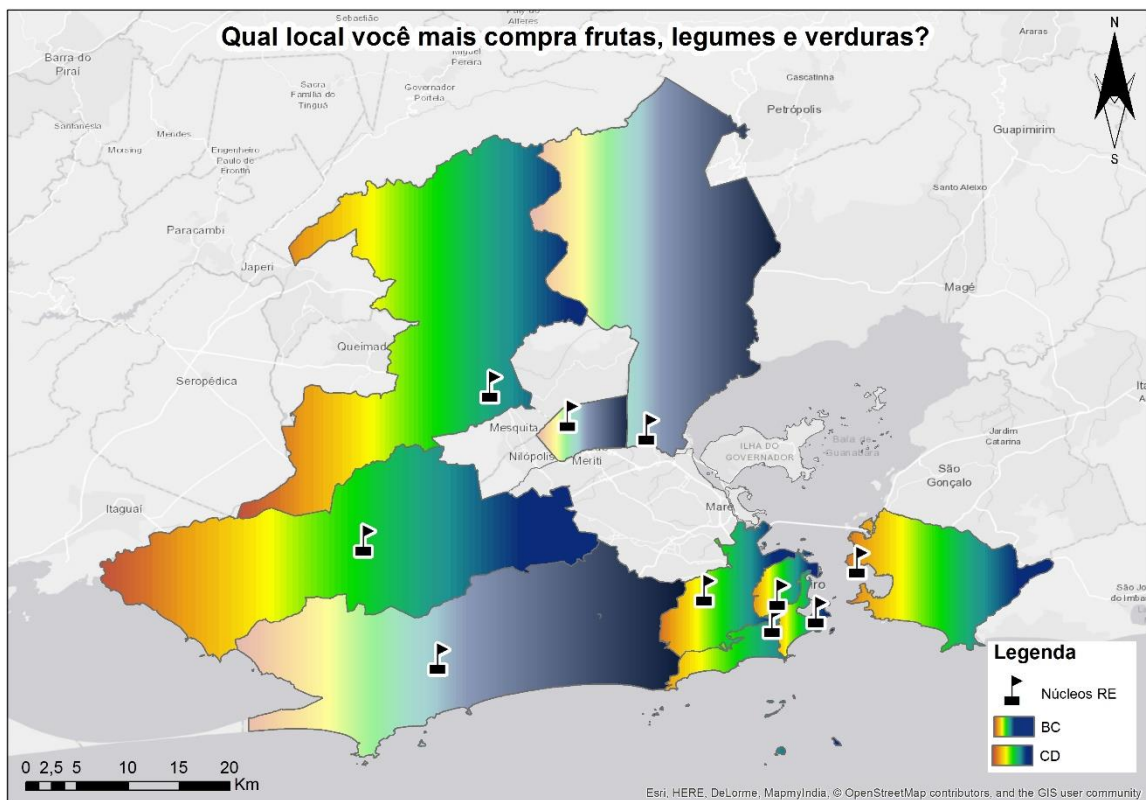


Gráfico 2: Questão selecionada 2

Quais meios de transporte você mais utiliza para se locomover?

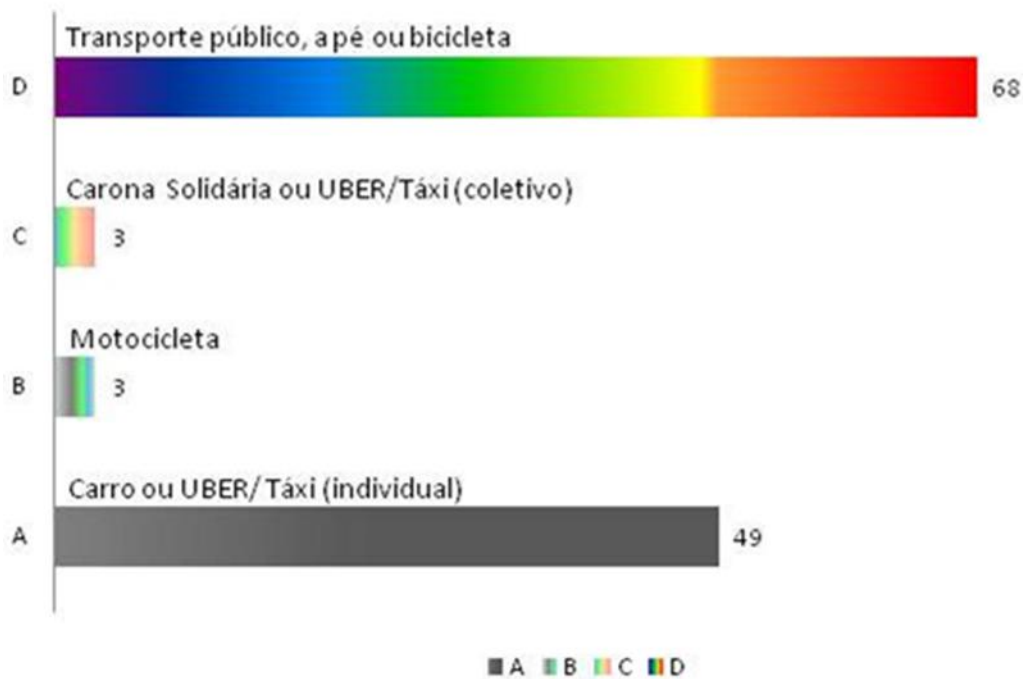


Figura 4: Questão selecionada 2

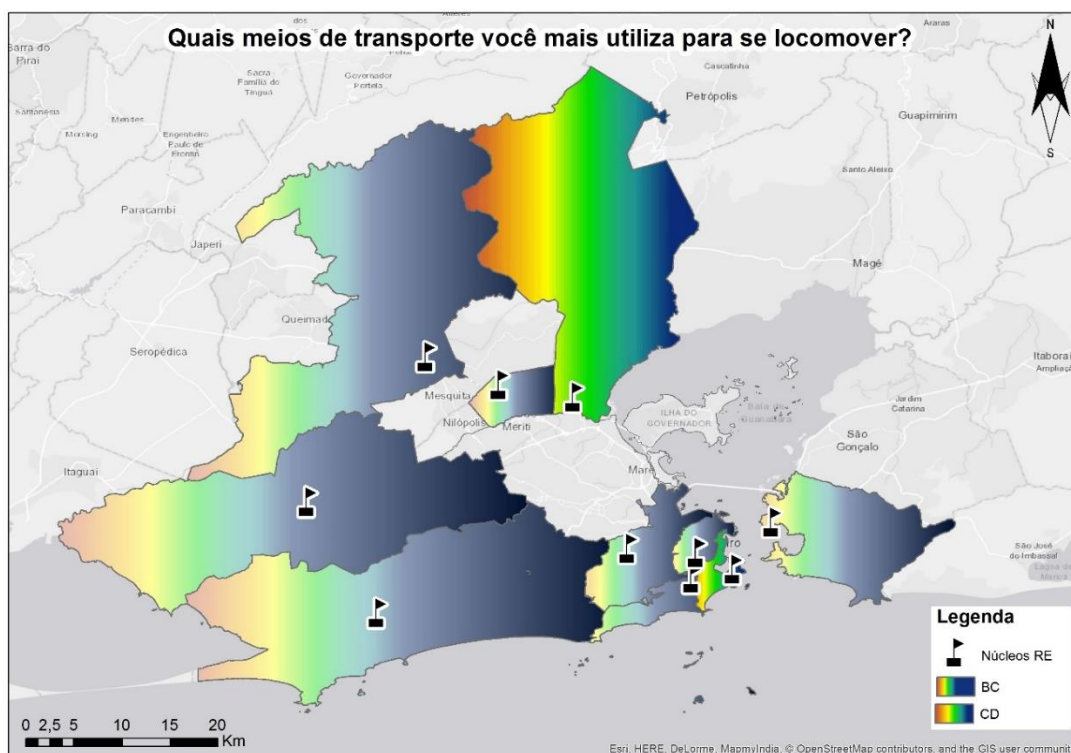


Gráfico 3: Questão selecionada 3

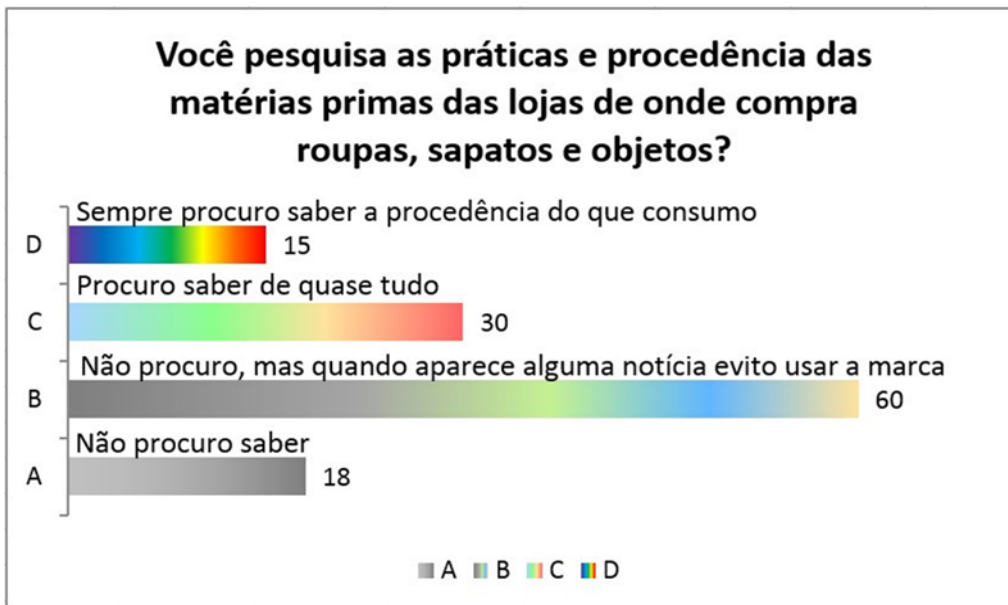


Figura 5: Questão selecionada 3



Gráfico 4: Questão selecionada 4

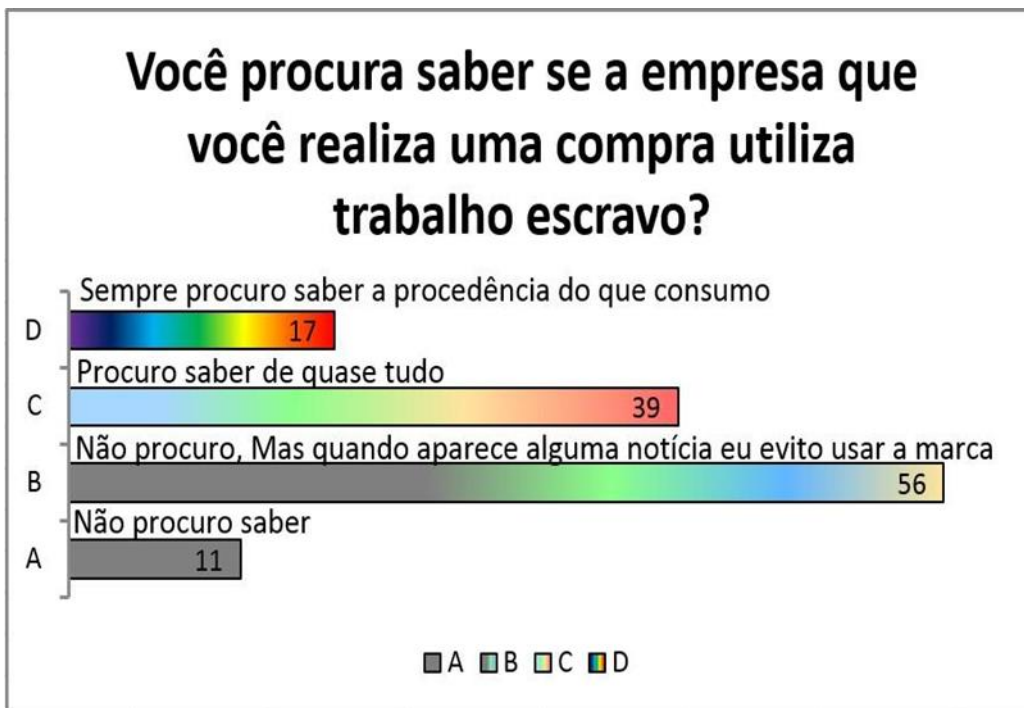


Figura 6: Questão selecionada 4



Um olhar atento para os resultados dos gráficos e mapas podem indicar tanto uma necessidade de um maior aprofundamento na compreensão de todo o ciclo de produção/consumo e de seus múltiplos impactos socioambientais, como alguns caminhos para um (re)pensar das práticas tanto dos integrantes, dos Núcleos, como de todo o movimento social (Rede Ecológica).

CONCLUSÃO

Espera-se com os resultados deste trabalho, provocar um aprofundamento na compreensão de todo o ciclo de produção/consumo. Para que com isso, a compreensão da nossa pegada ecológica possa servir, de fato, como um instrumento de subsídio para que sejamos capazes não só de compreender todo o processo de produção/consumo e seus múltiplos impactos socioambientais, como para que possamos também (re)pensar práticas e políticas que atuem, por exemplo, em alternativas de produções locais mais sustentáveis, saudáveis, solidárias e criativas.

REFERÊNCIAS

BORBA, M. **Pegada Ecológica: que marcar queremos deixar no planeta?** Coordenadora: Costa, L; Supervisão: Falcão, A. Brasília: WWF- Brasil, 2007.

CIDIN, R.; SILVA, R. Pegada Ecológica: Instrumento De Avaliação Dos Impactos Antrópicos No Meio Natural. In: **Estudo Geográficos**, 43-52. Rio Claro, 2004. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/257/213>. Acesso em: 20 set. 2019.

GÓMEZ, C. R. P.; PARÍSIO, D. C. A.; CASTILLO, L. A. G.; SANTOS, J. F. Ecological Footprint Method Como Ferramenta Para Avaliar O Perfil Do Consumo Consciente. In: **Revista Alcance**, vol. 16, núm. 3. Biguaçu, 2009. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/4777/477748588004.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

MADURO-ABREU, A.; NASCIMENTO, D.; MACHADO, L.; COSTA, H. Os limites da Pegada Ecológica. **Desenvolvimento em Meio Ambiente**. Vol 9; 73-87. 2009.

Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/12847/10886>. Acesso em: 20 set. 2019.